

Rocan, adeus à ronda das quadras

Sem verbas e sem efetivo, policiamento comunitário encerra período de glórias para a PM

Sheyla Leal

ROVÊNIA AMORIM

Fevereiro de 1988. Começava-se a colocar em prática uma nova política de segurança pública no Distrito Federal. Até aquele ano, o DF vinha registrando índices crescentes de criminalidade. O então secretário de Segurança, coronel João Brochado, pensou em novas estratégias para baixar os índices de violência. Nascia a Rocan (Rondas Ostensivas Candango) que, nos seus dois primeiros anos de atuação em Brasília, protagonizou um época de glórias para a PM.

Hoje, oito anos depois da sua criação, a história é outra. Os cortes orçamentários, o quadro reduzido de efetivo policial e a falta de verbas para manutenção da frota da PM colaboram, progressivamente, para enterrar a Rocan. Como exemplo do sucateamento do setor, das 93 Kombis, adquiridas nos tempos áureos da Rocan sobraram 31, mas apenas 14 delas estão circulando.

Muitas viraram ferro velho (38) e foram leiloadas para cemitérios de automóveis. Outras 31 que estão no depósito do Centro de Suprimento e Manutenção da Polícia Militar, no Setor Policial Sul, passam por processo de venda e terão o mesmo fim. Nem as 14, em melhores

condições, escaparão de virar sucata. “

Ação - A Rocan deu origem a um dos pilares da política atual de segurança pública: o policiamento comunitário. A presença constante dos policiais nas quadras levou à redução de vários tipos de crimes, como os roubos nas quadras do Plano Piloto, que despencaram de 3.739, em 1987, para 2.023 no final de 88, o primeiro ano de Rocan.

“A rotina dos PM nas quadras inibia a ação dos marginais”, assegurou o major Mário Vieira, na época comandante da 2ª Companhia Motorizada da Rocan. Segundo ele, na primeira semana de atuação na Asa Sul, a criminalidade foi reduzida em 30%. “Em três meses chegamos a 68,3%”, recorda. Segundo Vieira, a proximidade com o morador possibilitava ao policial coletar informações que dificilmente seriam obtidas de outra forma.

Segundo o ex-secretário Brochado, a Rocan também teve o mérito de romper o estigma do “PM linha dura” e de pôr fim à aversão que a comunidade ainda guardava da repressão policial na ditadura. Por isso, lembra, as duplas de policiais da Rocan passaram a ser conhecidos como Cosme e Damião - nome de dois médicos da antiguidade, canonizados pelo Vaticano.



Das 93 kombis que faziam a ronda nas quadras do Plano Piloto, apenas 14 ainda funcionam, 31 vão ser vendidas e o resto virou ferro velho

Oficiais criticam o sistema

Em 1990, dois anos após a criação da Rocan, a política de policiamento comunitário começou a perder espaço. “Eu falava na época que a ronda a pé só daria certo em locais de ocupação vertical (quadras residenciais formadas por prédios) ou em áreas claramente delimitadas, mas ninguém me deu ouvidos”, disse o Major Mário Vieira, comandante da então 2ª Companhia da Rocan.

Para ele, a experiência fracassada da Rocan nas satélites foi a prova de que estava certo. “Na Ceilândia, por exemplo, as quadras são muito extensas. O policial se confundia e andava demais”, explicou. “A falta de marquises obrigava-o a andar durante oito horas debaixo de sol e chuva. Era muito cansativo”, emendou.

O Major Nilton Saisse faz críticas mais duras à Rocan. “Não prestava”, foi taxativo. “Um efetivo muito grande de policiais ficava delimitado no Plano Piloto enquanto todo o restante do Distrito Federal estava descoberto”, considerou. Para ele, a Rocan não traz saudades e nem faz falta à segurança do DF.

Erros - “Se tivéssemos a reativação do radiopatrulhamento (desativado em meados da década de 80 com a implantação da Rocan) o combate à criminalidade seria mais eficiente”, considerou Saisse. “Era um sistema mais dinâmico, permitia a comunicação imediata com a Central de Operações da PM em caso de necessidade de reforço policial. Além disso, já imaginou se fosse preciso uma perseguição à Kombi?”.

Segundo o coronel Augusto Willer, titular do Comando Regional de Policiamento de Brasília, o esquema da Rocan começou a falhar também por causa da proporção efetivo/população. “A população ia aumentando e o quadro da PM basicamente continuava o mesmo”, comparou.

Outro erro, para Willer, foi o Governo insistir em levar a Rocan para todo o DF. “Como não havia policiais para ficar 24 horas nas quadras, esquematizou-se o rodízio. Os marginais não são bobos e logo descobriram os horários em que a Rocan não estaria em determinados pontos e, assim, agiam”. (RA)

NÚMEROS DA VIOLÊNCIA

Ano	Roubo	Furto de Veículo	Furto em Residência	Total
1987*	3.739	4.187	9.066	45.914
1988	2.823	3.040	8.307	43.334
1989	2.733	2.501	6.563	42.377
1990**	3.303	2.907	7.423	46.337
1992	4.497	3.263	8.555	54.331
1996***	3.839	2.569	5.248	40.060

* um ano antes da Rocan

** começa a queda da Rocan, segundo a PM

*** dados até julho (Fonte: Polícia Militar)

Segurança copia o modelo

“Para a Rocan funcionar hoje teríamos de ter um efetivo policial bem maior, na casa dos 40 mil, e veículos mais adequados do que as kombis. Ainda assim, restrita a certas áreas”, considera o Coronel Augusto Willer, condições insustentáveis para a Secretaria de Segurança Pública do DF. “A Rocan tinha uma presença muito grande, mas não atuava, era mais um fator de demonstração”, criticou o secretário-interino Roberto Aguiar.

A idéia de policiamento comunitário da Rocan, no entanto, está sendo copiada em certos pontos pela Secretaria como

uma forma eficaz de prevenção ao crime. “Já houve redução da criminalidade em Samambaia”, garante Aguiar, ao falar da experiência-piloto de um novo molde de policiamento para a comunidade. Em breve, duas outras satélites serão contempladas com a “Rocan moderna”, como costuma afirmar o Comandante da Polícia Militar, Coronel Túlio Cabral.

A política do novo policiamento comunitário, segundo Aguiar, não se restringirá apenas às duplas a pé, mas contará com viaturas e, em certos locais, até com bicicletas.(RA)

Moradores se sentiam seguros

Para muitos moradores aquela época representava segurança e, se fosse possível, a Rocan estaria de volta. “Eu me sentia mais segura. A gente via o policial na rua”, disse a jornalista Beth Nardelli. “Os furtos em casas e roubos de carros na minha quadra (407 Sul) diminuíram sensivelmente naquele tempo”, garantiu.

O porteiro José Ribamar se trabalhava como vigia noturno no bloco B da 308 Sul lembra também com saudosismo da Rocan. “Se eles estivessem aqui, com certeza, os prédios não estariam picados e nem teria essa turminha fumando por aqui”.

Maria da Paz, há 14 anos na SQS 404, também traz boas recordações da Rocan. “Era uma boa época, com maior

segurança para a gente. Agora a droga corre solta, a gente não se sente tão mais seguro. Policial por aqui só controlando o trânsito. É raro passar uma viatura”.

Crítério - Abordado quatro vezes por policiais da Rocan quando tinha 16 e 17 anos, o empresário Robson Guimarães, 23 anos, prega a volta de uma Rocan com um novo perfil, mais criteriosa. “Achavam que eu tinha cara de marginal”, brinca.

Segundo ele, o novo policial de quadras não deve cultivar a intimidade com os moradores. “Se não ele não atua e deixa muita coisa escapar por amizade. Naquela época, vi muito pessoas fumando maconha e eles não faziam nada por consideração”. (RA)

POLICIAMENTO E POPULAÇÃO

Ano	Efetivo	Habitantes
1988	9.354	1.468.000
1990	10.961	1.550.000
1996	13.517	1.800.000

NOSTALGIA



Para Brochado, a escassez de verbas e o metrô acabaram com a Rocan

Brochado garante: o serviço funciona

O criador da Rocan, o ex-secretário de Segurança Pública, coronel João Brochado, evita falar da atual política de segurança do Distrito Federal. “Já dei a minha contribuição nos oito anos em que fui secretário”, diz evasivo. No entanto, prega a necessidade de um comando unificado para a segurança do DF. “Segurança pública não pode ter desconfortos e tem de ter alguém que receba no peito tudo de bom ou de ruim que aconteça”, avisa.

Idealizador também do Batalhão Escolar, Brochado afirma que não se sente magoado por não ver mais as Kombis da Rocan circulando pela cidade. “A política da Rocan foi fundamentada em teoria, não é um modismo e não passará assim”, acredita. Segundo ele, a Rocan começou a decair com a escassez das verbas. “A prioridade no último governo Roriz ficou para o metrô”. No entanto, não

esconde a admiração pelo policiamento comunitário: “a Rocan era uma coisa mágica”.

Verba - O ex-secretário conta como driblou o então governador José Aparecido para comprar as primeiras 60 kombis da Rocan, em 1988. “Ele não era contra a política. Aplaudia a idéia, mas quando falava-se em dinheiro desconversava sempre. Aproveitei uma viagem dele, e pedi ao seu substituto (Guy de Almeida) para liberar a verba”, lembra.

A Rocan, esclarece Brochado, sustentava um tripé de políticas de segurança pública: prevenção (evitar que fatos desagradáveis acontecessem às pessoas), manutenção da ordem pública (divisão do território em áreas policiais militares - distribuição de PMs pelas quadras) e a presença da polícia resgatando a confiança do cidadão e impedindo infrações. “O princípio da presença é muito importante. Saber que a polícia está ali e que é boa, dá segurança ao morador”.(RA)